

Abordagem ecossistêmica para o controle de dengue: uma solução complexa

*Ecosystem approach to dengue control:
a complex solution*

Resenha escrita por Solange Laurentino Santos

*Doutora em Ciências, Profa. Adjunta do Departamento de Medicina Social do Centro de Ciências da Saúde da
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
End. eletrônico: solange.lasantos@ufpe.br*

doi:10.18472/SustDeb.v9n1.2018.27089

RESENHA – DOSSIÊ

AUGUSTO, Lia Giraldo da Silva; CARNEIRO, Rosa Maria; MARTINS, Paulo Henrique (Orgs.). *Abordagem Ecossistêmica em Saúde: ensaios para o controle de dengue*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005. 382p.:il,fig., tab., Graf., mapas,quadros. ISBN: 85-73152-71-0.

A temática abordada no livro *Abordagem Ecossistêmica em Saúde Humana: ensaios para o controle de dengue*, publicado no ano de 2005 tem se mostrado atual, mesmo passados 12 anos de sua publicação. Essa obra, organizada pelos professores Lia Giraldo da Silva Augusto, Rosa Maria Carneiro e Paulo Henrique Martins, trata da compreensão da complexa determinação social da dengue e das abordagens químicas de controle adotadas pelos programas oficiais. A adoção de medidas ecossistêmicas é apresentada como uma alternativa para as intervenções tão necessárias para o controle dessa endemia e que, no momento atual, com a emergência da Zika e Febre Chikungunya, mostra-se de grande relevância.

A leitura desse livro no momento em que buscamos explicações, ainda não totalmente esclarecidas, em relação à ocorrência da microcefalia mais fortemente distribuída em grupos e lugares específicos, como o ocorrido em Pernambuco no Nordeste do Brasil, marcados por fortes desigualdades sociais, nos permite refletir sobre aspectos que expliquem o maior acometimento em mulheres pobres, em lugares com deficiência de infraestrutura urbana e sem condições de acesso a tratamento adequado à saúde. Refletir sobre a efetividade dos modelos de controle de mosquitos adotados uma vez que os indicadores entomológicos são monitorados há décadas e têm sido priorizados nos investimentos pela saúde pública há mais de 30 anos. E por fim, a questão do uso de substâncias químicas é central neste livro, uma vez que não se entende o motivo pelo qual se mantém o controle químico do mosquito transmissor mesmo diante de estudos que comprovam a ineficácia e os malefícios à saúde das pessoas e ao ambiente.

A Profa. Lia Giraldo da Silva Augusto é médica pediatra, sanitarista e especialista em medicina do trabalho, com Mestrado e Doutorado em Clínica Médica, atualmente é professora aposentada e colaboradora do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães da Fiocruz, e professora aposentada da Universidade de Pernambuco em Recife (UFPE), possui uma larga experiência em estudos de epidemiologia ambiental e de intoxicações químicas, cuja crítica ao modelo químico dependente no controle de dengue

é evidenciada em pesquisas desde 1998. Juntamente com o Professor Paulo Henrique Martins, sociólogo, professor titular do Departamento de sociologia da UFPE, explora as possibilidades teóricas para se entender a criação das redes de solidariedade, a partir de programas territorializados e que transcendem o âmbito familiar e favorecem o estabelecimento de mais poder no nível comunitário. A profa. Rosa Carneiro, aposentada do Departamento de Medicina Social da UFPE, é médica e atuou como coordenadora do Núcleo de Saúde Pública dessa Universidade, e em estudos da epidemiologia das doenças negligenciadas e problemas de saúde nas comunidades rurais.

No início do livro os organizadores resumem aspectos discutidos no Seminário Nacional “*Dengue na perspectiva da Vigilância Ambiental e de Redes Colaborativas*”, em que são apresentados os debates dos três eixos que compuseram o seminário: os aspectos socioambientais das situações de risco; a reflexão clínico-epidemiológica da Dengue; e o terceiro em que se discute o Risco Químico no Controle Vetorial do *Aedes aegypti*.

Os organizadores foram muito felizes na sequência com que apresentaram os capítulos e as partes desse livro permitindo ao leitor a construção de uma temporalidade e de uma lógica desde a complexidade teórica até os modelos empíricos que são experimentados nos municípios, onde os problemas são enfrentados e cujos desafios são muito peculiares. A obra está dividida em duas partes. Na primeira parte, a subdivisão em três capítulos traz uma coletânea de artigos de autores que vão apresentando de forma encadeada desde os aspectos históricos dos programas de controle, até as contribuições das abordagens integradas, comprovadamente efetivas por vários anos, e os perigos na adoção de produtos químicos no controle do vetor.

Na segunda parte do livro, são apresentadas experiências de controle e de gestão integrada da dengue na perspectiva da vigilância ambiental para os municípios, considerando as suas diferenças contextuais. As experiências servem como modelos empíricos que possam ser reproduzidos ou adaptados em outras realidades com problemas semelhantes, respeitando-se as características próprias de cada lugar.

No capítulo 1 *Das contribuições conceituais e metodológicas para repensar o modelo clássico de controle de dengue*, a reflexão do acadêmico Mário Ivan Tarride, da Universidade de Santiago do Chile, aborda a vinculação entre a Saúde Pública e complexidade e o desafio de conceber saúde considerando as necessidades das pessoas, das comunidades e dos ecossistemas, e propõe uma nova saúde pública com incorporação de um método científico que não fragmente a realidade e os problemas nela existentes. Continua este capítulo uma avaliação no Sistema Único de Saúde (SUS) escrita pelos sanitaristas Eduardo Freeze, Eduarda Cesse e Juliana Sampaio, que apresentam um resgate histórico do SUS, de seu marco legal e da avaliação e monitoramento como uma necessidade fundamental do sistema no sentido de melhorar sua organização e favorecer na tomada de decisão.

A discussão sobre a família como horizonte de descentralização e democratização da ação pública é tratada pelo sociólogo Paulo Henrique Martins de modo singular, quando relaciona o papel da família como rede social na criação das redes de solidariedade, a partir dos programas territorializados como a Estratégia de Saúde da Família e o Programa de Saúde Ambiental na Cidade do Recife, cujos agentes de saúde transcendem o âmbito familiar e favorecem o nível comunitário.

Continuando este capítulo, o artigo reflete a importância da epidemiologia com outros campos do conhecimento, escrito por Eduarda Cesse e Eduardo Freeze, traz um resgate histórico do espaço na visão da geografia crítica. A geografia crítica é entendida aqui como espaço social construído pelo homem contemplando as necessidades históricas, sociais e econômicas que produzem um determinado modo de organização. Finalizando este capítulo os autores apresentam o desafio da aproximação entre o conhecimento científico e a política de controle de doenças transmitidas por vetores cuja dimensão política surge com uma questão essencial.

No Capítulo II, o livro apresenta em quatro artigos aspectos da História crítica do modelo clássico na perspectiva ecossistêmica. No segundo texto, sob uma ótica transdisciplinar os autores com diferentes formações técnicas (médicos sanitaristas e hematologistas, biólogos e químicos) e grande vivência em seus distintos campos de saber, analisam de forma exemplar as práticas operacionais do programa brasileiro de controle do *Aedes aegypti*, os riscos para a saúde humana no uso de venenos, o aumento

da resistência dos insetos e apontam alternativas ao controle químico com medidas sustentáveis do ponto de vista socioambiental. Continua esse capítulo uma crítica bem delineada dos pontos e os contrapontos ao modelo clássico de controle da dengue. A parte final desse capítulo, escrito pelo médico Carlos Eduardo Cantúcio Abrahão traz de forma propositiva a abordagem ecossistêmica como a alternativa ao modelo tradicional de controle em relação ao planejamento descentralizado, com equipe local nos territórios junto aos Centros de Saúde, com ações de educação continuada e integralizada e intervenção ambiental priorizando a intervenção mecânica, o controle de ovos e eliminação dos pontos de riscos estrategicamente monitorados.

O capítulo III aborda os aspectos entomológicos e da abordagem integrada, aqui os estudos dos Profs. Almério de Castro e a experiência do Uruguay apresentada pela equipe do Dr. Cessa Basso, da Faculdade de Agronomia, resgatam o tema da Dinâmica vetorial e suas implicações para a vigilância entomológica em dengue. Finaliza esse capítulo as considerações do Grupo de Estudos de Mosquitos, da Faculdade de Ciências Exatas e Naturais da Universidade de Buenos Aires, sob a equipe de Nicolás Schweigmann. São estudos e condições distintas no território da América do Sul que permitem uma reflexão sobre os aspectos climáticos e outros condicionantes que se interrelacionam com a endemia.

E finalizando essa primeira parte do livro, o capítulo IV que trata dos riscos químicos no controle de pragas urbanas. Aqui eu considero o ponto crucial dessa leitura, pois possibilita ao leitor, tanto da saúde como das outras áreas de conhecimento, a aproximação com o olhar externo sobre a questão de saúde, e a possibilidade de mudanças profundas no modelo de controle químico que é adotado há anos pelos formuladores de política de saúde em nosso país. Os problemas que envolvem o controle químico das pragas domésticas se encontram ocultos pela saúde pública, bem como a carcinogenicidade química, a saúde dos trabalhadores que atuam no controle de endemias vetoriais e os danos auditivos em trabalhadores expostos a inseticidas são aqui debatidos. Os riscos à saúde dos trabalhadores é invisibilizado pelos gestores, desconhecido pela comunidade científica e tratado como uma questão de saúde do trabalhador. O capítulo finaliza com o estudo sobre as ações de saúde ocupacional em serviços de saúde.

Na segunda parte do livro são apresentadas as experiências empíricas e de gestão de controle da dengue na perspectiva da vigilância ambiental e abordagens integradas. Inicia a parte apresentando o Programa de Saúde Ambiental da Cidade do Recife como uma experiência bem-sucedida, os desafios enfrentados e as interações operacionais no Programa de Agentes de Saúde Ambiental do Recife. Continua com a experiência do Enfrentamento da epidemia do dengue na cidade do Recife e finaliza com o ensaio de aplicação do Modelo de Gestão para vigilância ambiental baseado nos indicadores de Força, Pressão, Estado, Exposição, Efeito e Ação da Organização Mundial da Saúde. O tema da comunicação integrada pela arte do povo, da experiência de uma abordagem ecossistêmica em saúde humana para a prevenção de dengue no nível local – em duas zonas urbanas de Cuba, são apresentadas ao final e ajudam a consolidar a defesa para a necessidade de uma profunda mudança no modelo de controle de dengue.

O livro, como podemos mostrar pela coletânea selecionada de autores e temas, está atual, e poderia ser utilizado nos serviços de saúde pelos gestores, profissionais e pela comunidade, para que juntos possam partilhar os diversos saberes e experiências e, assim contribuir com o redirecionamento das práticas de controle das arboviroses nos contextos dos seus lugares. Que a leitura seja útil e contribua com o debate sobre esse problema.